

**É SÓ UM JOGO, PELO MENOS POR ENQUANTO.
A SEMIFINAL DE PÓLO AQUÁTICO HUNGRIA x URSS NAS
OLIMPIADAS DE MELBOURNE E O CONTEXTO POLÍTICO
HÚNGARO EM 1956**

Alvaro do Cabo¹

Universidade do Estado do Rio de Janeiro

Rio de Janeiro, Brasil

alvarodocabo@yahoo.com.br

Recebido em 16 de maio de 2011

Aprovado em 31 de maio de 2011

Resumo

A presente resenha crítica busca analisar o filme “Children of Glory” em seus diversos aspectos: drama, contextualização histórica e geopolítica, além da importância do Pólo aquático como elemento de identificação nacional húngaro durante os Jogos Olímpicos disputados em Melbourne em 1956. Informações gerais sobre esse esporte também são fornecidas visto que se trata de uma modalidade pouco conhecida no Brasil. A relação memória/nação/esporte pode ser encontrada no interessante roteiro, que apesar de ser uma ficção, tem como pano de fundo, acontecimentos reais ocorridos na Hungria e durante a disputa nas piscinas australianas.

Palavras-chave: memória; nação; pólo aquático.

Abstract

It’s just a game. At least, until now: the Hungary - U.S.S.R. water polo semifinal in the Melbourne Olympic Games and the Hungarian political context in 1956

The present film review aims at analyzing the film “Children of Glory” on its several aspects: drama, geopolitical and historical context, besides the importance of water polo as an element of Hungarian national identification during the 1956 Melbourne Olympic Games. General information about that sport are also given respecting the fact that this modality is not well known in Brazil. The relation between memory/nation/sport may be found in the interesting script, which beyond the fact of being a fiction, has as a scenery with real events that happened both in Hungary and during the dispute in the Australian swimming pools.

Keywords: memory; nation; water polo.

¹ O autor é historiador graduado pelo IFCS/UF RJ, advogado e mestre em Comunicação Social pelo PPGCOM/UERJ.

Introdução

O filme “Children of glory”, cuja tradução para o português adicionou força simbólica a uma eventual “batalha” esportiva: “Sangue nas águas” foi lançado em 2006 e dirigido pela cineasta húngara Krisztina Goda, como parte das atividades que recordavam os 50 anos de uma revolta no país contra a dominação soviética que foi brutalmente reprimida.



Capa do filme "Sangue nas águas".

Inspirado em fatos reais com um enredo ficcional, a película aciona a memória nacional húngara do ano de 1956 relatando a trajetória de um jogador de Pólo Aquático que se apaixona por uma militante política que está engajada nas lutas contra a opressão soviética no país. O atleta Kárcsy Szábo, que na vida real se chamava Erwin Zádor, era integrante da equipe nacional de water-polo húngara, esporte extremamente popular no país, e sua relação com a estudante Viki servem de pano de fundo para uma boa trama

no estilo “hollywoodiano”, onde os acontecimentos políticos ocorridos e uma épica disputa esportiva nas Olimpíadas de Melbourne se entrecruzam forjando um discurso nacionalista e de identificação coletiva.

Esta resenha está dividida em informações sobre o esporte Pólo Aquático, pouco conhecido entre os brasileiros e que foi uma das primeiras referências dos esportes coletivos da modernidade, a conjuntura política da Hungria socialista e as rebeliões contra a opressão dos tanques russos, além da carga simbólica de algumas cenas importantes do filme.

Esporte, política, drama e uma boa estória fazem de “Sangue nas águas” uma ótima reflexão para a relação existente entre disputas esportivas e o que elas podem vir a representar para a memória de uma Nação.

1. O que é o Water Polo?

Um dos primeiros esportes coletivos criados na segunda metade do século XIX na imperial Grã-Bretanha, apesar de registros esparsos de disputas em lagos no século XVIII segundo a história tradicional, o jogo teria surgido entre 1869 e 1870, porém a codificação das regras foi elaborada pelo escocês William Wilson em 1876. Mitos falam também de uma prática de entretenimento que seria realizada entre atletas em cima de barris de madeira, e que batiam em esferas assim como os jogadores de pólo fazem no tradicional jogo dos cavalheiros, no início do século XIX.

Porém, provavelmente a denominação é associada ao tecido com o qual as bolas eram feitas na Índia. O termo “pulu” é que daria a referência embrionária do “futebol nas águas”, forma como o senso comum chama o Pólo Aquático, e seria o material da

confeção das primeiras esferas do esporte, curiosamente intestinos de porco, que influenciariam a nomenclatura da modalidade.²

É um esporte onde cada equipe possui seis jogadores além do goleiro, cuja principal formação tática é semelhante ao handebol e vulgarmente conhecida como “leque” e a posse de bola para cada time é de 35 segundos alternadamente. A principal diferença para a disposição tática do esporte nas quadras é que um atleta faz a função de pivô de costas para o arqueiro adversário e defronte aos seus companheiros que buscam a formação semicircular.

Os nadadores conseguem flutuar através de um intenso movimento rotatório das panturrilhas conhecido como “pernada alternada” e não podem usar as duas mãos, exceto obviamente o goleiro, ou afundar a bola. Muitas faltas acontecem durante uma partida, sendo que a situação de ter um homem a mais facilita bastante a marcação do gol. Os pênaltis acontecem com arremates diretos de uma linha imaginária de 4 metros e o jogador que comete três infrações graves tem de ser substituído. É um jogo bastante violento e agressões que ocorrem debaixo d’água são difíceis de serem visualizadas pelos árbitros.

Disputado desde 1900 nos Jogos Olímpicos de Paris, países da Europa oriental tem uma grande tradição no pólo aquático, sendo que a Hungria possui o predomínio no esporte com 8 medalhas de ouro, 3 de prata e 3 de bronze³ sendo o atual campeão olímpico e mundial da modalidade. Além disso, o esporte é extremamente popular no país e seus atletas são conceituados mundialmente.

No Brasil, por exemplo, um húngaro tornou-se o maior mito do esporte no país. Aladar Szabó, teria fugido dos conflitos ocorridos em seu país em 1956 para a Itália e

² Informações gerais obtidas em sítios eletrônicos disponíveis em: <www.museudosportes.com.br>, <www.portalsaofrancisco.com.br>, <www.cbda.org.br> e <aquaticapaulista.org.br>. Acessados em 15 mai. 2011.

³ Informação disponível no sítio <www.quadrodemedalhas.com>. Acesso dia 16 mai. 2011.

após problemas pessoais e um convite do então presidente da C.B.D (Confederação Brasileira de Desportos) e ex-atleta de water polo, João Havelange, teria vindo para ser treinador no Rio de Janeiro.

Entretanto, devido a sua capacidade técnica e força física atuou como jogador pelo Fluminense e Botafogo, tornando-se a maior referência do esporte no final dos anos 50 e década de 60, considerado o período áureo do pólo aquático brasileiro, sobretudo pelo título pan-americano conquistado em São Paulo em 1963.⁴

Diversas façanhas, algumas talvez mitológicas, são contadas até hoje para os jovens atletas pelos saudosistas das gerações passadas como o fato dele quebrar as balizas com seus potentes chutes, arremessar bolas da piscina do Botafogo Futebol Clube para o Clube de Regatas Guanabara que são separados por uma larga via do Aterro do Flamengo defronte a Baía de Guanabara, além dos relatos das homéricas brigas e sua incrível valentia de Szábor

Pancadarias e sangue nas águas são geralmente associados a esta prática esportiva e realmente não são raras as partidas em que brigas coletivas acontecem na piscina. Talvez pela intensidade dos contatos físicos, a vontade de vencer ou a quantidade de esforço que um atleta tem que fazer durante um jogo, o water-polo é inegavelmente um esporte violento, entretanto trata-se de uma modalidade que também dissemina solidariedade e espírito coletivo entre os membros de cada equipe.⁵

2. Os caminhos de Szabó e Viky e sua relação com os acontecimentos do outono húngaro em 1956

⁴ Sobre a importância do atleta húngaro para o esporte no Brasil ver artigo de Silvio Teles (2009).

⁵ Sobre o tema é interessante ver a dissertação de mestrado de Sílvia Telles (2002).

O filme tem início com uma acirrada partida disputada em uma piscina soviética entre os selecionados da Hungria e da antiga U.R.S.S. (União das Repúblicas Socialistas Soviéticas), onde após claro favorecimento da equipe da casa pela arbitragem começa uma briga coletiva entre os jogadores das duas seleções. O confronto se estende no vestiário húngaro, após uma “visita” de atletas soviéticos ao recinto.

Esta cena pode ser entendida como uma metáfora do conflito político que se aproximava e da dominação ideológica que era imposta pelo regime soviético comandado por Nikita Krushev sobre os países da antiga “cortina de ferro” que estavam sob a influência socialista.

A transformação da Hungria em um país socialista ocorreu após a segunda guerra mundial, sendo que o regime imposto por comunistas refugiados e aliados de Stálin tinha caráter autoritário e repressor, mesmo após a morte do dirigente em 1953. No ano de 1947, sob a liderança de Matias Rákosi, amigo pessoal do ditador soviético, cerca de 2000 pessoas foram executadas e 100.000 foram presos.

Todavia os regimes políticos anteriores também não se caracterizaram por serem populares ou democráticos. O território pertencia ao antigo Império Austro-Húngaro até a sua desintegração após a derrota na primeira grande guerra e depois da criação de um novo país, após breve tentativa de implantação de um regime comunista, a partir de 1920 os húngaros foram governados durante 24 anos pelo Almirante Myklós Horthy em uma ditadura proto-fascista que se alinhou com os alemães durante a segunda guerra mundial.

O caráter repressivo do regime dentro da Hungria é demonstrado na película em uma sequência de cenas onde o atleta Szábor, após o retorno da delegação para Budapeste é repreendido pela briga com os russos pelo próprio chefe da Polícia secreta húngaro, a AVO, pois ele não devia “desrespeitar os camaradas”. No caminho da

estação de trens até a sede da instituição e principalmente dentro do prédio, cenas de torturas demonstram a violência do regime no país.

Entretanto, no mesmo interrogatório é curioso observar a alusão a símbolos capitalistas no enredo. O fato de ser ofertado ao atleta coca-cola e goma de mascar pelo próprio representante maior do corpo repressivo comunista no país conhecido como Tio Ferry pode ser uma referência de que esses produtos circulavam dentro das elites dirigentes.

Outra referência fundamental dentro da construção do enredo do filme é a presença do rádio como importante elemento de comunicação, podendo ser utilizada para conscientização política através do canal “Europa Livre Voz da Hungria”, sempre escutada pelo avô do atleta que era contra os russos, ou de repressão devido a utilização do discurso oficial através da Radio Magyar, local onde inclusive ocorreram relevantes conflitos entre estudantes e policiais da AVO no início das manifestações em 23 de outubro de 1956.

O encontro de Szábor com a mocinha ocorre em uma assembléia estudantil universitária e Viky já demonstra ser uma mulher forte, determinada, politizada, além de atraente. Apresentados por um amigo em comum Imi, que também era um estudante engajado nas lutas políticas do país e vem a falecer nos conflitos em frente à rádio oficial, a aproximação do casal é dificultada pelas distintas trajetórias de vida e de posicionamento político.

Enquanto Viky é retratada como uma moça consciente e lutadora, o atleta é primeiramente rotulado como alienado, arrogante e até mesmo covarde, pois não quer perder os privilégios de jogador da seleção nacional e teme se envolver nas manifestações vindouras.

Essa visão ultrapassada, e até certo ponto preconceituosa sobre os atletas aparece de forma geral não apenas em filmes, mas também em obras literárias sobre o tema esporte, e pode ser claramente demonstrada em uma cena de discussão do casal quando Szábor tem de retornar para treinar com seus companheiros e a militante extremamente chateada afirma: “É, vá brincar de Pólo Aquático”.

À medida que a situação política se agrava com a adesão de grande parte da população húngara as manifestações contrárias a dominação soviética e a campanha pela substituição de um comunista radical Erno Gero por um membro do partido reformista e que prometia mudanças, Imre Nagy⁶, junto com o fortalecimento da relação do casal, o atleta praticamente passa por um processo de conscientização e formação heróica inspirados por Viky que culmina com o desligamento da seleção que se encontrava concentrada em um hotel sob a vigilância da AVO e sem a certeza de que o país iria disputar os Jogos Olímpicos de Melbourne.

Com a reaproximação do casal e a o fato de Szabór ter abdicado de um sonho de infância e de uma grande glória para um atleta que deve ser disputar uma Olimpíada, o diálogo do reencontro encaminha algo profético. Ao ser questionado por Viki: “E agora, você abandonou o time”, o atleta, recém-revolucionário responde prontamente “É só um jogo, pelo menos por enquanto”.

O caráter visionário da última afirmação aponta a direção que o enredo tomará. Em breve as Olimpíadas não serão mais apenas um jogo para a nação húngara.

Juntos Viky e Szabór representam a união do país. Todos os setores participam da resistência: estudantes universitários, camponeses, comerciantes, policiais, a própria

⁶ O político Imre Nagy, nasce em 1896 e era um serralheiro filho de camponeses. Após lutar pelo Império Austro-Húngaro e ser preso pelos russos, torna-se comunista e refugiado político durante a ditadura do Almirante Horthy. Durante os acontecimentos do outono húngaro de 1956 era uma referência reformista, que apesar de comunista representava uma oposição a dominação soviética e pregava uma gestão autônoma com a própria retirada do país do Pacto de Varsóvia.

Igreja católica representada pelo padre Bálazs, e até mesmo um atleta de pólo aquático outrora alienado, graças a sua paixão pela militante.

Neste momento, o povo húngaro parece imbatível. Mesmo com a continuação da repressão e um bárbaro massacre ocorrido na praça defronte ao Parlamento quando todos esperavam um discurso de Imre Nagy e muitos achavam que os soviéticos estavam de acordo com as mudanças, a resistência consegue sair aparentemente vitoriosa e as tropas de ocupação recuam para Moscou sob os gritos eufóricos de “Ruskik Haza”, russos vão para casa.

Na comemoração do casal, diante de uma falsa perspectiva de libertação do jugo soviético, uma nova visão sobre o esporte praticado pelo jogador e o poder feminino possibilitam o convencimento de Szabór a retornar para a concentração e buscar ser reintegrado à seleção.

A própria Viki, na cama com seu amante, afirma categoricamente referindo-se a disputa do water polo nas Olimpíadas de Melbourne: “Não é só um jogo. É o primeiro de uma Hungria livre”. O esporte passa a ser visto como um elemento de identificação da Nação e não mais símbolo de alienação no filme.

3. O jogo muda nas piscinas e no campo político

Apesar de ter sido advertido que não voltaria mais para o time, Szabór consegue o perdão do técnico mediante pagar “flexões” até a Austrália e com a anuência da maior parte dos companheiros devido a sua capacidade técnica e espírito de liderança.

A exceção era um atleta que desde o início do filme é a favor dos soviéticos e com quem Szabór já havia brigado. Além dele, outros jogadores e o técnico são retratados ao longo do filme também como alienados que não estavam preocupados com a situação política do país e pensam apenas nos Jogos Olímpicos.

O principal amigo de Szabór, Tibe, que estaria passando informações para a AVO, fato que tinha gerado um rompimento na amizade, é o personagem mais estereotipado da equipe. Só pensava em garotas, o pai era alcoólatra e por fraqueza e medo de sair do time foi cooptado como informante. Uma frase dele ao tentar convencer o amigo a não abandonar o time evidencia esta construção: “Não há ninguém que goste mais de sexo do que eu, mas o que é isso comparado a Olimpíada.”

Após o retorno de Szábor ao time, durante viagem de ônibus para Praga, onde a delegação iria pegar um avião para a Austrália, os jogadores são acordados ao cruzarem com diversos tanques russos que voltavam na direção de Budapeste em uma contra-ofensiva inesperada que acabaria reprimindo violentamente as possíveis mudanças no regime político húngaro. Szabór tenta reagir e retornar, mas é impedido pelos companheiros e acaba embarcando para Melbourne.

Nas ruas de Budapeste a chegada do fortalecido pelotão russo na madrugada de 4 de novembro reinicia os combates, porém a resistência húngara não consegue se equiparar com o arsenal bélico adversário e a esperança de que países ocidentais, inclusive os Estados Unidos se envolveriam no confronto para ajudar os rebeldes se dissipa quando estoura a crise do Canal de Suez com a invasão do Egito por Israel.

Em diálogo com Viky, um dos líderes do movimento após saber da morte de sua combatente esposa e tentando convencer a mocinha a fugir afirma: “Ninguém está vindo. Ninguém liga para a Hungria. Eles querem ver o nosso sangue derramado para que odeiem os soviéticos”.

Segundo o historiador marxista Eric Hobbbsawn, a saída do Pacto de Varsóvia e a tentativa de Nagy de manter uma neutralidade diante da Guerra Fria teria sido primordial para a violenta repressão soviética:

Em poucos meses, uma liderança reformista na Polônia foi pacificamente aceita por Moscou (na certa com a ajuda ou o conselho dos chineses), e uma revolução estourou na Hungria. Ali, o novo governo, sob outro reformador comunista, Imre Nagy, anunciou o fim do sistema unipartidário, o que os soviéticos talvez pudessem tolerar – as opiniões entre eles estavam divididas – mas também a retirada da Hungria do Pacto de Varsóvia e sua futura neutralidade, o que eles não iriam tolerar. A revolução foi reprimida pelo exército russo em novembro de 1956. (Hobsbawm, 1995, p. 387)

Após não desistir da luta, Viky acaba sendo presa e torturada pelo Tio Ferry para que delate os companheiros de luta. Sua força e convicção política fazem com que ela não entregue ninguém e acabe sendo condenada a execução. No caminho do cadafalso, a mocinha segura firme o relógio da sorte de seu amado. O atleta lhe dera no momento da despedida e diferentemente do que geralmente ocorre na ficção com os protagonistas, suas trajetórias não se cruzarão mais. O drama de Viki espelha a dor de uma Nação.

Na Austrália, as imagens dos acontecimentos transmitidas pela BBC londrina chegam aos jogadores húngaros na vila olímpica. O conturbado contexto político mundial influencia diretamente o evento esportivo. Diversos países boicotam os Jogos. Holanda, Espanha e Suíça em protesto pela ocupação da Hungria. Iraque, Egito e Líbia pela invasão no Canal de Suez.

Desiludidos, desmotivados e com propostas para desertarem e jogarem nos Estados Unidos ao findar das Olimpíadas, a equipe húngara parece desmantelada. Fumando, bebendo, sem vontade de treinar, a cena do discurso do técnico opera um discurso nacionalista no qual o esporte se transforma em ferramenta de honra para o país e faz com que a medalha de ouro passe a ser uma questão nacional. O Pólo Aquático não é mais apenas um jogo:

Tudo está perdido em casa, e é por isso que vocês têm que mostrar ao mundo que a Hungria pode vencer. Que os húngaros não estão totalmente derrotados. Ganhem o ouro e daí decidam o que fazer de suas vidas. Vençam as Olimpíadas não só por vocês mesmos, mas por cada um em casa eles merecem isso.

O cruzamento com os soviéticos nas semifinais aumenta ainda mais a carga simbólica da vitória para a Nação. A partida, conhecida como a mais violenta de todas as Olimpíadas, é retratada como uma batalha, tanto no discurso dos atletas, quanto nas imagens da película.

Mesmo com o técnico húngaro advertindo seus atletas que os adversários “são jogadores de pólo e não soldados”, o clima da partida oriundo da própria rivalidade entre as equipes no âmbito esportivo acentuada pelo contexto político é tenso e extremamente violento. Nas arquibancadas, bandeiras húngaras com o símbolo soviético cortado e gritos entusiasmados de “Ruskik Haza”.

Os húngaros conseguem uma “redentora” vitória por 4x0, porém o ápice da partida não é nenhum dos gols de Szábor, as defesas do goleiro ou o tiro de 4 metros de Tibi. O momento crucial que enseja inclusive a suspensão do jogo é um soco certo desferido por um jogador russo em Szábor que abre o supercílio e a conseqüente briga generalizada que ocorre na piscina.

A imagem de Szabór saindo da água ensangüentado é veiculada por todo o mundo e marca não só os Jogos de Melbourne mas a própria memória coletiva húngara sobre o evento.

O atleta mesmo não disputando a final contra a Iugoslávia que seria vencida por 2x0 tornou-se um herói nacional em uma conquista que transcendeu o âmbito esportivo e das piscinas de uma Olimpíada, se conformando imaginariamente em uma épica batalha contra a dominação soviética.

No final do filme, ao receber o ouro que simboliza a resistência de uma Nação, Szábor carrega em suas mãos o terço que lhe fora presenteado por sua amada Viky. Os

mocinhos do filme são jovens gloriosos que lutaram da sua forma pela libertação de uma Nação oprimida.

Considerações finais

O filme “Sangue nas águas” é um ótimo exemplo de como o cinema pode acionar a memória coletiva de uma nação através de acontecimentos esportivos. A estória de Szábor e Viky se confunde com um momento histórico da Hungria e o esporte, no caso o Pólo Aquático, é um dos elementos centrais de identificação nacional.

Apesar de no início o atleta ser caracterizado como alienado, será através da sua paixão e posteriormente da dimensão simbólica que uma disputa esportiva adquire nos Jogos Olímpicos de Melbourne que Szábor é alçado a condição de herói nacional apesar do jogador Zádor na vida real ter desertado e partido para os Estados Unidos após o torneio, tornando-se inclusive técnico do lendário nadador Mark Spitz⁷ que ganhou sete medalhas nos Jogos Olímpicos de Munique, na Alemanha.

Em contrapartida, Viky encarna o espírito de resistência de um povo que estaria sendo oprimido e sua morte simboliza também o fim de um sonho de liberdade para aquela revolta.

A relação esporte/nação é muito bem retratada na película seja através de simbólicos diálogos ou nas próprias imagens das partidas, onde a rivalidade e os símbolos nacionais estão sempre presentes.

Todavia “Sangue nas águas” não pode ser definido como um filme de esporte, mas sim como um ótimo drama político onde o water polo se transforma em elemento crucial para identificação coletiva de uma Nação.

⁷ Um documentário produzido por Quentin Tarantino e Lucy Liu, narrado por Mark Spitz e dirigido por Colin K.Gray, “Freedom’s Fury”, relata a história da partida e entrevista ex-jogadores exilados nos Estados Unidos.

Assim sendo, a diretora conseguiu no enredo associar um bom relato dos acontecimentos históricos ocorridos no país em 1956 a uma agradável forma de entretenimento, tendo o esporte como mediador e chave fundamental para a execução do roteiro e acionamento da memória coletiva húngara.

REFERÊNCIAS

HOBBSAWM, Eric. *Era dos Extremos: o breve século XX: 1914-1991*. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

SZABO, Ladislao. *Hungria 1956: e o muro começa a cair*. São Paulo: Editora Contexto, 2006.

TELLES, Sílvio de Castro Costa. *A identidade do jogador de pólo aquático masculino e o mito da masculinidade*. Rio de Janeiro: Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação e Educação Física da U.G.F (Universidade Gama Filho), 2002.

_____. *Aladar Szabo e o pólo aquático brasileiro: uma contribuição para a construção da identidade do esporte*. Salvador: Artigo presente nos Anais do XVI COMBRACE e III Congresso Internacional de Ciências do Esporte, 2009.